

RETRATO // PIDE FOTÓGRAFO // Texto Sérgio B. Gomes Ilustração Mário Carneira



ANTÓNIO ROSA CASACO

DE SALONISTA A 'PAPARAZZI'

Arrecadou prémios nos salões de fotografia nacionais e internacionais. Registou Craveiro Lopes em encontros "lúbricos". E fotografou Salazar na intimidade. Reunia duas condições para ser "dono" da imagem pessoal do ditador: era tecnicamente um bom fotógrafo e jamais tiraria imagens contra os mandamentos do Estado Novo. *mmy nullaore dolore estincidui et la feummy nostions euguer*



FOTOGRAFIA SALONISTA?

É o tipo de fotografia ideológica e militante de cariz essencialmente amador que se praticava com um espírito desportivo, como quem vai à pesca ou à caça aos domingos. O objectivo era ter o maior número de provas a concurso para coleccionar taças, medalhas, distinções, menções honrosas nos salões de fotografia que cresceram como cogumelos em todo o mundo, desde os anos 30. A partir dos quadros de honra, estabeleciam-se classificações nacionais e internacionais. O fenómeno entra em declínio em finais dos anos 60.

“Todos acabaríamos por morrer e, quando os nossos corpos fossem levados e enterrados no cemitério, só os nossos amigos e familiares saberiam que nós tínhamos partido. As nossas mortes não seriam anunciadas na rádio nem na televisão (...). Ninguém escreveria livro nenhum sobre nós. Essa é uma honra reservada aos poderosos, às celebridades, àqueles que possuem talentos excepcionais (...).”

Paul Auster, “As Loucuras de Brooklyn”

Parece que não. Do que a história conta, o agente da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) António Rosa Casaco, falecido no início de Julho, não tinha talento excepcional algum. Célebre pelos piores motivos, ninguém se deu ao trabalho de dar publicidade imediata à sua morte. Não fosse a perspicácia de dois jornalistas que o procuravam para gravar um testemunho, o desaparecimento do homem que comandou a brigada assassina que matou o general opositor Humberto Delgado e a sua secretária em Espanha teria passado ao lado. Aliás, como lhe conviria.

Um sair de fininho para que, entre nós, não estampassem de novo a sua cara ao lado dos relatos do duplo crime a que passivamente assistiu no dia 13 de Fevereiro de 1965. Apesar desta última subtilidade, Rosa Casaco foi um artífice da memória — a memória que fica através da fotografia. Conta quem falou com ele que era nessa condição, a de fotógrafo, que gostava de ser reconhecido e era quando se falava sobre fotografia que a língua se soltava mais. Talvez funcionasse como escape de outra faceta, menos dada a tempos de abertura, condições climáticas ou sensibilidades da película.

Em meados dos anos 40, quem visse Rosa Casaco de Rolleiflex ao peito a rondar um par de jarros à procura do melhor enquadramento, dificilmente imaginaria que ali estava um

dos mais duros e eficazes agentes da PIDE.

O livro da jornalista francesa Christine Garnier “Vacances avec Salazar” (1952), ilustrado com fotografias de Rosa Casaco, e o álbum “Salazar na Intimidade” (1954) são a face mais visível da sua actividade como fotógrafo. Mas antes destes dois sucessos editoriais, já o agente da polícia política participava em tudo quanto era concurso de fotografia em Portugal e no estrangeiro, sobretudo na Espanha franquista. O seu nome constava muitas vezes como expositor, outras como júri ou as duas coisas ao mesmo tempo, para irritação de alguns participantes.

Era um período em que a fotografia arrastava multidões de amadores e se organizavam salões um pouco por todo o lado. Em Portugal, Rosa Casaco foi um dos salonistas mais profícuos e premiados. Coleccionava taças, medalhas e distinções. Movia-se perfeitamente no ambiente dos concursos organizados pelo Grémio Português de Fotografia (GPF) do Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI), que cedo se apercebeu da necessidade de domesticar a imagem fotográfica que se fazia fora do circuito da imprensa, controlada pelo lápis azul, e dos serviços de propaganda do regime. O SNI estava directamente ligado à Presidência do Conselho, cujo “secretário-nacional director” era António Ferro, um dos pontas-de-lança de Salazar e, até 1949, o guardião-mor de uma certa imagem de Portugal. Ferro participou em vários concursos do GPF como membro do júri.

As primeiras fotografias de Rosa Casaco não foram captadas com a democrática Kodak, mas com a elitista Rolleiflex, aconselhada pelo amigo e fotógrafo profissional Amadeu Ferrari, quando nasceu o seu primeiro filho, em 1942. O agente da PIDE quis tirar-lhe alguns retratos e o encantamento pela imagem fotográfica ficou.

Três anos depois, o seu nome já consta da lista de participantes do 8.º Salão Internacional de Arte Fotográfica do Grémio (1945). As fotografias do filho primogénito causaram tamanha sensação no seio da família que até Yvonne Viana Casaco, sua mulher, decide enviar provas. Rosa Casaco leva quatro imagens (“Paisagem Invernal”, “Bota Abaixo”, “Vigia” e “Electrificação”) e Yvonne Viana, que aparecerá pontualmente noutros concursos, três. À “Paisagem Invernal” é dada a honra de abrir o conjunto de reproduções que constam no catálogo da mostra.

Nos primeiros passos como amador, Casaco tenta “meter conversa a todo o custo” com o grupo de artistas que frequentava a Brasileira, ao Chiado, depois de sair do trabalho na sede da PIDE, na Rua António Maria Cardoso (António Sena).

Um ano depois da estreia, Rosa Casaco inscreve-se no GPF. Nas inúmeras viagens que faz para Madrid como correio diplomático entre Lisboa e o Governo do generalíssimo Franco aproveita para ler e tirar fotografias. Os títulos redundantes — característica dos fotógrafos salonistas — que atribui a duas imagens postas

à prova em 1946, “Soles de Espanha” e “Antes da Partida” (em contraluz numa estação de comboios), mostram que Casaco não se esquecia da Rolleiflex na hora de fazer as malas.

No salão de 1949, o agente da PIDE, já inscrito em quatro associações de fotografia

internacionais, apresenta “Estendal”, a imagem que lhe dará fama e reputação no movimento salonista nacional e internacional e com a qual arrecada dezenas de distinções. Em 1954, quando a revista “Fotografia” (n.º 5, Agosto-Setembro) lhe pede para escolher a sua imagem preferida, António Rosa Casaco, num testemunho recheado de auto-elogios, decide trocar →

Foi um dos salonistas mais profícuos e premiados. Coleccionava taças, medalhas e distinções



"PRELÚDIO DA NOITE", PUBLICADA NA REVISTA 'FOTOGRAFIA', 1954

BOLETIM DO CINE-CLUBE DE ANGOLA



"ESTENDAL"

BOLETIM DO GRUPO CÂMARA



"MAR BRAVO"

CLUBES SALONISTAS

Grémio Português de Fotografia (SPN e SNI), Lisboa (1931)
Grupo Câmara, Coimbra (1949)
Foto Clube 6x6, Lisboa (1951)
Associação Fotográfica do Porto, Porto (1951)

→ voltas aos leitores ao preferir "Estendal" (possuidora de "uma grande beleza e uma técnica perfeita") em favor de "Prelúdio da Noite". O texto começa com a dificuldade da escolha: "Considero como minhas preferidas todas as fotografias que envio aos salões fotográficos, porque, a não ser assim, nunca as submeteria a um júri de selecção. Todas são minhas 'filhas' muito queridas e, como bom pai, não posso preferir qualquer delas." E continua com uma descrição pomposa a justificar afinal a preferência: "O andamento tranquilo, pensativo, do pastor dilata a sensação de melancólica suavidade que emana de toda a imagem, da paisagem que não se vê mas se adivinha: uma planície serena, talvez infinita, onde as manchas do arvoredo se esfumam na neblina cinzenta, na

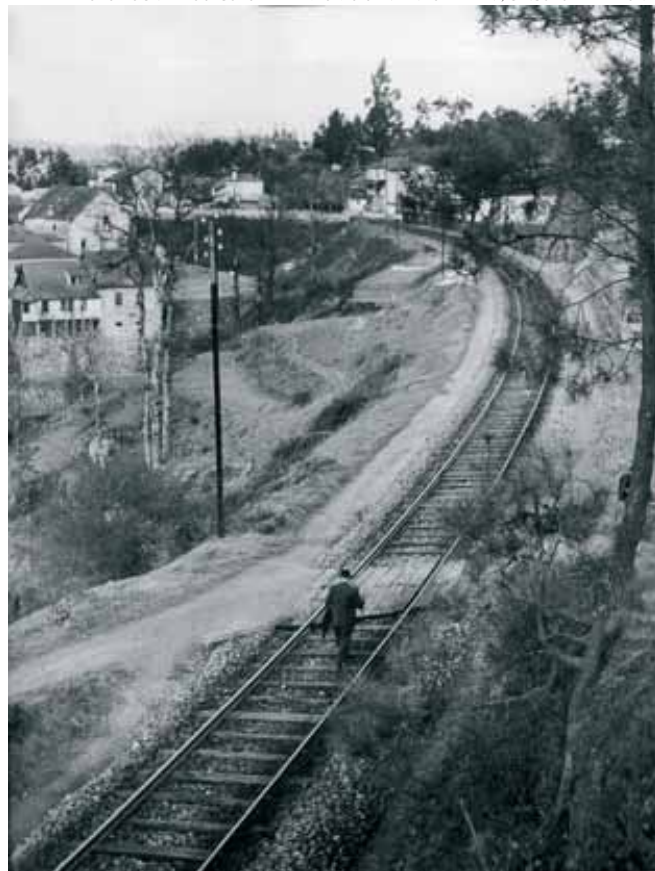
luz tenuíssima daquele sol que mais parece a estrela que atraiu os pastores e os Magos e os guiou na Grande Noite sagrada da Natividade."

Fosse qual fosse a escolha, estas duas imagens, e muitas outras do espólio de Rosa Casaco, partilham um traço comum — o da ruralidade, referencial-tipo da política fascista através do qual se potenciava um nacionalismo exacerbado. O objectivo geral desta fotografia alinhada era passar a imagem de "um país poético, orgulhosamente cioso das suas tradições, pontuado pelo pitoresco, inundado de paisagens soberbas e genuínas, recheado de tipos populares intactos na sua originalidade, um paraíso social, económico, cultural e político", escreve a investigadora Emília Tavares, na tese sobre "A Fotografia Ideológica de João Martins" (Mimesis, 2002), outro salonista da época.

Adepto empenhado da Rolleiflex, em 1951 Rosa Casaco surge como sócio-fundador n.º 5 do Foto Clube 6x6, associação idealizada por Amadeu Ferrari e Fernando Vicente, que reunia os indefectíveis da marca que também utilizavam um formato de película (6x6) em quadratura perfeita. Sem querer beliscar o "velho pioneiro" GPF, letárgico e amorfo como convinha ao regime, o Foto Clube 6x6 tenta dinamizar um pouco mais a "salonite fotográfica", abrindo os seus concursos aos "principiantes que revelem méritos" e não só às imagens "magistrais".



"PAISAGEM INVERNAL"



SALAZAR E O VULTO "AMEAÇADOR"

Nos estatutos do clube, a actividade que aparece por baixo do nome de Casaco é a de "correio diplomático". Apesar do vaivém semanal no comboio Lisboa-Madrid, o agente da PIDE é escolhido para retratar (Setembro de 1951) o par Salazar-Garnier nas bucólicas paisagens do Vimieiro, a fim de ilustrar o livro "Vacances avec Salazar" (1952). É com este trabalho de imagem minuciosamente preparado pelo SNI que Casaco ganha acesso à privacidade de Salazar e conquista a confiança do ditador. Nas visitas que Garnier continua a fazer ao chefe do Estado Novo, é a Rolleiflex do agente da polícia política a registar a crescente intimidade entre os dois.

Casaco diria mais tarde que nunca tinha visto uma mulher dar a volta à cabeça ao velho ditador como o fez esta francesa. O polícia político reunia duas condições essenciais para cair nas boas graças de Salazar como "dono" da sua imagem pessoal: era tecnicamente um bom fotógrafo e alguém que jamais tiraria imagens que comprometessem os mandamentos do regime do Estado Novo.

No salão de San Sebastian (1952), o polícia-fotógrafo apresenta pela primeira vez quatro imagens sobre o líder da Presidência do Conselho e as suas residências oficiais na secção "Colecção de Honra", ensaio para o álbum "Salazar na Intimidade", editado dois anos depois.

Em 1954, a reputação de Casaco no meio salonista está nos píncaros, muito por causa de ter sido escolhido como "fotógrafo da vida íntima" do ditador. Num artigo para a revista do Grupo Câmara, sediado em Coimbra, João Martins tece-lhe um rasgado

Lamenta que os artistas-fotógrafos esqueçam o seu "belo país", a favor da fotografia desnacionalizada

elogio sublinhando que "Rosa Casaco apareceu fotógrafo feito, senhor de uma vincada personalidade modernista". O texto laudatório prossegue com explicações sobre a sua personalidade e tendências estéticas: "Pelo seu temperamento, ele é um

fotógrafo dado a composições realistas tocadas de originalidade e, por vezes, ternura poética. Não será um romântico a compor, mas, através de

DISPARO A MÁQUINA OU A PISTOLA?

Quando se concentrava para, do alto, fotografar Salazar a andar pela linha de caminho-de-ferro perto do Vimieiro, Casaco apanha um susto. Na Rolleiflex vê um vulto perto do ditador e, por momentos, hesita entre disparar a máquina ou a pistola, pois também estava ali na qualidade de capanga. Afinal, nada acontece. O episódio foi contado pelo próprio ao jornalista Joaquim Vieira, director da colecção Fotobiografias do Século XX (Círculo de Leitores).

A "ARTE DOMESTICADA" DO ESTADO NOVO

Primeiro com os salões do Grémio Português de Fotografia (desde 1935) e depois com os de outras associações do mesmo tipo (desde 1950), o Estado Novo tinha encontrado uma forma eficaz de asfixiar o carácter democrático no qual o suporte fotográfico tinha embarcado definitivamente depois do "Carregue no botão, nós fazemos o resto", publicitado pela Kodak. As ousadias estéticas fora do "estilo fotográfico português" – casos do surrealismo de Fernando Lemos e, mais tarde, a Lisboa boémia e noctívaga de Victor Palla/Costa Martins – eram tidas como "excentricidades" que convinha enxotar. A fotografia de salão foi "uma arte domesticada porque insistiu na circularidade e atavismo das suas propostas, deixou-se moldar por filosofias políticas (...) e manteve-se marginal a toda e qualquer evolução estética e artística em seu redor." (Emília Tavares).



O DITADOR E A JORNALISTA FRANCESA CHRISTINE GARNIER, FOTOGRAFADOS POR ROSA CASACO NA ARRÁBIDA

→ alguns dos seus trabalhos, notamos variada gama de sentimentos líricos." E uma distinção pelo "seu escrúpulo em se mostrar individualista e português a compor". Em conclusão, "um belo exemplo a seguir". Até final dos anos 60, Casaco continua a participar em vários salões. Pelo meio faz também algumas exposições individuais. Numa entrevista à revista espanhola "Arte Fotográfico" (n.º 91, 1959) defende a "fotografia pura" em detrimento da "fotografia neutra".

E, mais à frente, lamenta que muitos "artistas-fotógrafos" portugueses se esqueçam do seu "belo país", para se dedicarem "equivocadamente à tal fotografia moderna, totalmente desnacionalizada".

Para além dos dois livros ao serviço da PIDE, Rosa Casaco colocou a sua ap-

tidão fotográfica à disposição da polícia política em outras ocasiões, sobretudo a partir do momento em que os salões fotográficos entram em agonia.

Quando se avultam as suspeitas do envolvimento do ex-Presidente Craveiro Lopes na conspiração contra Salazar liderada pelo general Botelho Moniz (Abrilada, 1961), Rosa Casaco, segundo o jornalista José Pedro Castanheira, entra em acção para tentar fotografar o marechal, já viúvo, à saída de um prédio onde se encontrava frequentemente com

uma mulher.

"A ideia era tentar neutralizar Craveiro Lopes chantageando-o com essas imagens", diz Castanheira.[O

jornalista levou dois anos para conseguir a famosa entrevista com Rosa Casaco ("Expresso", 14 e 21 de Fevereiro de 1998). O repórter de imagem Luiz Carvalho precisou de algumas horas e uma máquina a mais para convencer o agente da PIDE a deixar-se fotografar, primeiro em Espanha, e, um dia depois, junto à Torre de Belém, em Lisboa, só porque a luz em Zafra "já não estava grande coisa". "Era um vaidoso", conta Carvalho.]

No livro de memórias "Servi a Pátria e Acreditei no Regime" (2003), o PIDE-"paparazzi" confirma a missão e refere-se aos "encontros lúbricos" de Craveiro Lopes com "uma jovem senhora" (nunca "fotografada, por respeito à ética profissional"), mas desmente que fossem para chantagem.

António Rosa Casaco era "um bom amador, só isso!", conclui Harrington Sena, fotógrafo contemporâneo do agente da polícia política do Estado Novo. ●